# OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Artigos



# UM ESTUDO INVESTIGATIVO SOBRE A HISTÓRIA DO COLÉGIO POLIVALENTE NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA- PARANÁ

Luciana Alves de Lima Tozetto<sup>1</sup>

Antonio Paulo Benatti<sup>2</sup>

Resumo: A pesquisa realizada com os alunos foi no formato de Unidade Didática na qual foi proposta uma investigação sobre a História da instituição escolar Colégio Estadual Polivalente, situado no município de Ponta Grossa, no estado do Paraná. Esse estudo foi desenvolvido com os alunos do ensino médio, por isso, optou-se por um tema próximo da sua realidade. A questão norteadora da pesquisa foi: Você sabe por que o colégio no qual estuda foi denominado Polivalente? Para preparar, envolver e iniciar os estudantes nessa investigação foi apresentado o problema de pesquisa, na forma de enquete. O problema de pesquisa foi respondido no decorrer da investigação. Os instrumentos de pesquisa utilizados para seleção e coleta de dados foram fontes históricas do arquivo escolar, fonte oral, leituras de textos, de conceitos históricos, de leis. Para a entrevista foi elaborado previamente um roteiro de questionamentos com questões abertas e fechadas, gravadas em áudio para posterior análise. No decorrer do trabalho foram propiciadas atividades relacionando o objeto de estudo com os conteúdos de história, que articulados aos instrumentos de pesquisa, possibilitaram reflexão, questionamento, surgimento outras questões. Por tudo isso, verificou-se que a aplicação desse material contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento histórico do aluno e sua avaliação realizou-se no decorrer do processo, ou seja, por meio das atividades propostas nas aulas.

Palavras-chave: Instituição escolar; ensino e História; fontes históricas; pesquisa

# Introdução

O estudo realizado sobre a história do Colégio Polivalente junto aos alunos do ensino médio pautou-se sobre duas questões. Primeiro das inquietações, vivenciadas e experienciadas no cotidiano escolar, como iniciar uma atividade de pesquisa com os alunos, na qual eles fossem os pesquisadores. E a segunda surgiu da peculiaridade do nome do Colégio.

A literatura específica na área de História (como publicações em livros, revistas, periódicos etc.) demonstra que essas inquietações não são apenas minhas, mas também de historiadores preocupados com a modalidade de ensino fundamental e médio.

Autores como Fenelon (1983), Borges(1983), Fonseca (1983), Nunes (1996), Conceição Cabrini (2000), vêem discutindo desde a década de 1980, fase final da ditadura militar, num contexto de reelaboração curricular, "o repensar", "o revisar", "o reformular" o ensino de História para a escola básica. Com o processo de

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>Professora PDE - 2013 Licenciada em História e Mestre em Educação – NRE Ponta Grossa.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>Professor Doutor da Universidade de Ponta Grossa.

redemocratização do Brasil esses debates se intensificam, historiadores como Pinsky (2000), Gonçalves (2012), Rocha (1999), Schmidt, Cainelli (2009) e outros, contribuem com orientações teórico-metodológicas para o ensino de História. Para ilustrar, esses autores demonstram possibilidade de se trabalhar em sala de aula com aula expositiva dialogada (exposição do conteúdo com participação dos alunos), utilizando-se para isso de textos históricos, fontes históricas, arquivo escolar, pesquisa etc. Verifica-se que há um consenso entre os historiadores dedicados ao ensino de História em relação à necessidade de se priorizar a pesquisa para os alunos do ensino médio. Neste sentido, as Diretrizes Curriculares para o Ensino de História também apontam a importância de se desenvolver a pesquisa com os alunos do ensino médio.

Neste contexto foi desenvolvida uma atividade de pesquisa histórica com os alunos do ensino médio buscando responder o porquê sua escola é denominada Polivalente. A maioria das escolas e colégios públicos tem seus nomes relacionados às pessoas – geralmente proeminentes na sociedade, como homenagem póstuma – ou ligados a instituições religiosas. Como, por exemplo, Medalha Milagrosa, Regente Feijó, Professor Cesar Prieto Martinez, etc.

Inicialmente levantou-se, através do recurso da internet, o que existia sobre a origem do nome do Colégio Polivalente. Foram encontrados artigos, dissertações sobre o tema que indicavam leituras sobre a História da Educação no Brasil, no contexto da ditadura militar. No período de 1965 onde o Ministério da Educação e Cultura MEC estabeleceu acordos com Ministério da Educação e Cultura/United States Agency International for Developmente denominados de acordos MEC/USAID. A referida Agência Internacional estava encarregada da reformulação, elaboração, implementação, da reforma do ensino superior e reforma do ensino de primeiro e segundo grau e treinamento de professores.

Essas reformas foram efetivadas a partir da Lei nº. 5.540/68, de 28/11/68, que fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e da Lei nº. 5.692/71, de 11/08/71, que fixa diretriz e bases para o ensino de 1º. e 2º. Graus.

A origem das escolas Polivalentes em vários estados do Brasil e especificamente no Estado do Paraná na cidade de Ponta Grossa está ligada a esse período histórico. A Escola Polivalente foi construída com objetivos políticos bem definidos conforme apontam as pesquisadas realizadas pelas autoras Romanelli

(1978) e Ribeiro (1998) formar os alunos do ensino médio diretamente para o mercado de trabalho, minimizando a falta de vagas, matrícula para o ingresso no ensino superior. A falta de investimentos na ampliação do número de matrículas para o ensino superior público ainda é bastante presente em pleno século XXI.

Como os professores/historiadores vêem demonstrando desde o contexto da década de 1980 até nossos dias atuais a necessidade de mudanças no ensino de História na educação básica nas modalidades dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. Foi proposto um estudo sobre a História do Colégio Polivalente na cidade de Ponta Grossa, aos alunos do ensino médio, no qual eles foram os pesquisadores e o professor da disciplina ensinou como se trabalhar com fonte histórica escrita e oral em uma abordagem crítica. Assim o aluno debruçou-se sobre as atividades elaboradas na Unidade Didática construindo o seu próprio conhecimento sobre a história da sua escola.

### Fundamentação Teórica

As reflexões contidas nas obras dos autores pesquisados contribuíram para a formação continuada do professor, porque envolveram concepções teóricometodológicas, filosóficas e a dimensão política de educação. Desse modo suas sínteses corroboraram na compreensão do fenômeno em seus aspectos social, político, econômico que limitam a estrutura e a organização do sistema educacional brasileiro. Assim como, abordam as exigências sociais por demanda escolar e as lutas travadas na década de 1980, relacionadas aos problemas e rumos da educação formal no Brasil, e as especificidades do ensino de História.

Romanelli (1978), em sua produção História da Educação no Brasil 1930-1973, estuda o problema da estruturação e organização do sistema educacional no Brasil, analisa e interpreta o "estudo de uma realidade e denúncia as distorções no processo educacional que afetam o processo da nação em seu conjunto" (ROMANELLI, 1978, p.12). A sua pesquisa originou-se "de uma antiga preocupação nossa de compreender a trama das relações existentes entre os fatores que atuam no sistema educacional brasileiro e respondem pela maioria de seus problemas" (ROMANELLI, 1978, p.13). A autora demonstrou, com bastante propriedade que não são apenas os aspectos puramente pedagógicos que afetam a qualidade de ensino ou bastam para modificar a realidade social, pois existem fatores externas a educação, os quais respondem pelas deficiências da escola primária.

Ribeiro (1998) em seu trabalho sobre História da Educação no Brasil aborda de forma detalhada os fundamentos da organização escolar sem pretensão de esgotar o tema, pois se podem pesquisar outros aspectos do sistema escolar formal. Busca compreender a organização escolar no contexto histórico da sociedade brasileira, abrangendo o período de 1949 á 1968, a qual é dependente da dominação externa, ou seja, do sistema econômico, político e social capitalista mundial. O trabalho da autora é norteado por uma série de indagações, motivadas por esta contradição entre quantidade e qualidade, como por exemplo:

- "- A quem a organização escolar brasileira deve atender?
- A todos em idade escolar.
- Tem atendido a todos em idade escolar?
- Não.
- Como tem que atender a este todo?
- Tem que atender bem.
- Tem atendido bem, mesmo não atendendo esse todo?
- Não.
- Como atender a todas as pessoas e atendê-las bem?

A investigação histórica se impõe diante da necessidade de solucionar-se o problema retratado nesta última indagação. É ela que dará as raízes do não-atendimento satisfatório da escola brasileira tanto em quantidade como em qualidade. "(RIBEIRO, 1998, p.13-14).

Fonseca (1993), em seu livro Caminhos da História Ensinada, investiga como a reforma de ensino na modalidade superior, médio e fundamental foi instituída pelo governo militar e as mazelas decorridas das mudanças educacionais. Denúncia a política de desqualificação da formação dos professores de História e a descaracterização do ensino de História abrangendo as três modalidades de ensino.

O ensino de 1º grau, ou seja, os anos finais do fundamental não possuíam mais a disciplina de História e Geografia em seus currículos, foi substituída pela disciplina de Estudos Sociais. A disciplina de História permaneceu no 2º grau, ensino médio, mas sua carga horária concorria com a disciplina de OSPB.

Neste contexto de reformas impostas e posteriormente implementadas no sistema educacional brasileiro e especificamente na área de História, Fonseca (1993) pesquisa os movimentos originados no interior da sociedade brasileira que lutaram a favor de mudanças no âmbito educacional e no ensino de História. Esclareceu a ideologia do uso, somente, do livro didático no período de 1970-1980, onde se perpetua a divisão do trabalho manual e intelectual, ou seja, aqueles que pesquisam, produzem e os que transmitem e executam os programas contidos nesses livros.

Fenelon (1983) em seu artigo enfatizou a importância da reelaboração da formação inicial dos professores licenciados em História onde aconteça a articulação entre ensino e pesquisa em sua formação acadêmica. Seria necessário, como propõe Fenelon (1983), que

(...) a formação do historiador, seja ele em sua vida profissional futura, mas voltado para a pesquisa ou para a docência, deve ser uma só. As disciplinas pedagógicas devem fazer parte dessa formação como elemento necessário, embora seu caráter, seu conteúdo, sua carga horária precisem ser discutidas entre profissionais das duas áreas. Esta formação deve dar conta da necessária articulação entre o que se ensina e como se ensina considerando-se o perfil básico do profissional de história que desejamos formar, ou seja, aquele capaz de produzir conhecimento, relacionar-se criticamente com a produção científica e transmitir aos seus alunos tanto um saber determinado quanto elementos que determinam sua crítica (FENELON, 1983, P.121).

A autora citada acima demonstra a necessidade de se propor para a formação inicial, dos futuros professores de História um tronco comum de disciplinas, tanto para o exercício da docência quanto para as atividades de pesquisa. As disciplinas pedagógicas também são importantes para a discussão das políticas educacionais e para transposição didática.

As produções de historiadores como Rocha (1999); Conceição Cabrini (2000); Schmidt, Cainelli (2009); Pinsky, Pinsky (2009), estão voltadas tanto para as discussões e debates ocorridos na década de 1980, quanto para o estudo e a pesquisa da para prática do ensino de História, dos professores que já estão em serviço.

Cabrini, Ciampi, Borges (2000), em seu livro Ensino de História Revisão Urgente, propõe para a prática pedagógica do ensino de História

um desafio: pensar não a mera articulação entre ensino e pesquisa, mas o próprio ensino como pesquisa. Nessa direção, a pesquisa não é uma atividade a mais, é o princípio norteador de toda atividade na sala de aula. Nossa proposta implica o papel ativo de professores e alunos, que terão autonomia na busca de momentos e lugares significativos de sua experiência social de indivíduos e grupos sociais a partir de suas próprias referências (CABRINI; CIAMPI; BORGES, 2000, p.16)

Rocha (1999) em sua produção chama a atenção para "um fato que merece reflexão na prática do professor de história é o uso abusivo das aulas expositivas" (ROCHA, 1999, p.55). O autor não afirma que não se pode utilizar o método expositivo, mas que o uso exagerado dessa forma de explanação "conduz à produção de um alunado de baixo senso crítico, uma vez que este é colocado na condição de objeto a ser moldado" (ROCHA, 1999, p.55). Entretanto não

desqualifica o professor, porque "os professores com formação humana, como os de História, podem dar uma grande contribuição para a reorganização da escola, na medida em que possuam instrumentos eficazes de leitura da realidade social" (ROCHA; 1999.p.54).

Diante do exposto constatou-se que a educação sistematizada, o ensino, o método, os conteúdos e a postura do professor de História não são neutros. Nesta perspectiva de que o ensino não é neutro, as interpretações desenvolvidas pela pesquisadora Nunes (1996), são de grande valor para o leitor entender as concepções do ensino de História.

O grau de comprometimento político do professor de História com a educação formal dependerá da compreensão social do seu trabalho, da realidade que o cerca, do entendimento dos limites e possibilidades de sua profissão, da percepção que as disparidades sociais não podem ser assumidas como naturais. Por isso, buscam-se abordagens teóricas metodológicas na perspectiva do aluno produzir através da pesquisa o seu próprio conhecimento histórico.

Pinsky e Pinsky (2009) defendem que "o pensamento crítico não se sustenta sem leitura vício silencioso, lento e profundo. Só depois de ter a mente e o espírito alimentados pela leitura é que as ilustrações computadorizadas ou filmadas podem fazer sentido" (PINSKY; PINSKY, 2009, p.35). Para os autores os conteúdos de História são necessários e devem ser trabalhados com seriedade

Um modo mais construtivo (sem trocadilhos) seria adotar como postura de ensino (que se quer crítico) a estratégia de abordar a História a partir de questões, temas, conceitos. Quais seriam as questões relevantes que podem ser feitas ao presente e, por extensão, ao passado? Quais os conceitos importantes a serem discutidos com os alunos? Tendo respostas mais ou menos claras sobre esses assuntos, o professor poderá:

-despertar o interesse dos alunos demonstrando a atualidade de coisas tão cronologicamente remotas quanto à situação das mulheres na Idade Média, a insatisfação dos plebeus na Roma Antiga ou as aspirações ambíguas dos burgueses no século XVIII [...]; (PINSKY; PYNSKY, 2009, p.25)

A matéria escolar só pode ser ensinada, após o professor fazer o recorte histórico, selecionar o conteúdo, selecionar a fonte histórica a ser trabalhada em sala de aula e

"dedicar um tempo maior à leitura cuidadosa de um determinado documento histórico, tanto pelo seu significado intrínseco como pela validade do próprio exercício de ler uma fonte primária (o traquejo adquirido como tal exercício pode ser aplicado pelo aluno na leitura de vários outros textos e documentos que chegarem as suas mãos). (PINSKY; PINSKY, 2009.p.29)

Bezerra (2009) argumenta que:

A preocupação não é com a quantidade dos conteúdos a serem apresentados, ou com as lacunas de conteúdo de História que ficaram a ser preenchidas, de acordo com a lista de assuntos que tradicionalmente fazem parte dos conteúdos a serem transmitidos pela escola. O que está em evidência é o modo de trabalhar historicamente os temas assuntos objetos em pauta. (BEZERRA, 2009, p.41)

Schmidt; Cainelli (2009) em seu livro Ensinar História contribui com propostas pedagógicas relacionadas especificamente com o ensino de História. Propõe abordagens metodológicas de como o professor pode trabalhar com diferentes fontes históricas orais e escritas em sala de aula, possibilitando o aluno, ser o pesquisador e a desenvolver seu do conhecimento histórico. Argumentam e justificam teoricamente as possibilidades e limites de se trabalhar com documentos.

# Gonçalves (2012) defende

"algumas propostas, como a inserção de documentos da própria instituição no trabalho de sala de aula (em especial, mas não somente, no ensino de história), ou ainda de projetos mais amplos, envolvendo a reconstrução da história da instituição e da comunidade escolar, podem ser desenvolvidos. (GONÇALVES; 2012 p.12)

Existe uma fundamentação teórica bastante consistente, elaborada por pesquisadores da área do conhecimento histórico, os quais concordam com o uso dos documentos escritos e orais em sala de aula, com a finalidade de levar o aluno entender a realidade social em que vive, através de análises e interpretações desses materiais com a mediação do professor.

#### Metodologia

Para investigar o problema posto e alcançar os objetivos propostos, optou-se pela pesquisa qualitativa com características de estudo exploratório, descritivo e interpretativo.

A pesquisa foi realizada no universo amostral de uma escola pública da rede estadual de ensino, onde o público alvo foram os alunos de uma turma de quarto ano integrada do ensino médio.

Os instrumentos de pesquisa utilizados para coleta de dados foram a análise bibliográfica, análise das fontes históricas oral e escrita propostas nas atividades da Unidade Didática as quais foram realizadas pelos alunos.

O estudo exploratório envolveu levantamento bibliográfico realizado para elaborar os critérios da seleção da amostra, preparação para a pesquisa e fundamentação teórica. O estudo descritivo não tem objetivo de ser meramente

narrativo, ou expositivo realizado pela palavra falada ou escrita, conforme explica Triviños, no sentido de ficar simplesmente na coleta, ordenação e classificação dos dados, mas sim de estabelecer relações entre as variáveis (TRIVIÑOS, 1987, p.110), ou seja, fazer a reflexão sobre as atividades realizadas pelos alunos em sala de aula.

#### Discussão dos resultados

Os alunos que desenvolveram a pesquisa sobre o Colégio Polivalente, os quais seus escritos serão citados em algumas partes deste artigo tiveram seus nomes substituídos por outros, como exemplo aluno 01, aluno 02, etc, por razões éticas.

Inicialmente, foi entregue para cada aluno uma citação do autor Jayme Pynski e solicitado para que fizessem uma leitura

[...] há alguns vícios disseminados que contribuem para a queda da qualidade de ensino em geral, mas que afetam de forma particular as aulas de História.

Um deles é o hábito freqüente em nossas universidades, mas já popular em muitas escolas do ensino médio, da crítica sem base. Antes de entender um texto, uma questão, uma conjuntura, professores e alunos já lançaram a crítica! Ela já está na ponta da língua, ou seja, precede a compreensão da complexidade do fenômeno histórico. "Tal autor? Esta superado", dizem alunos e professores que nunca se deram ao luxo de lê-los, mas se permitem julgamentos definitivos com base em algo ouvido em um corredor ou lido às pressas em uma página de uma revista semanal de informações. Defendemos, pois, a "volta" do conteúdo às salas de aula, da seriedade. E, do óbvio: a tentativa de interpretação deve, necessariamente, ser precedida pelo entendimento do texto. (PINSKY; PINSKY, 2009.p.24-25)

A da citação de Pinsky (2009), sobre a relevância de se desenvolver o conhecimento através da leitura, interpretação, análise dos conteúdos e da postura de professores e alunos em relação a crítica do conteúdo de história foi explorado e discutido coletivamente em sala de aula. Em seguida os estudantes foram questionados sobre o texto acima. Qual mensagem contida no texto que o autor desejava passar? As respostas de alguns alunos foram: "é preciso fazer a leitura de um conteúdo para poder conhecê-lo e depois concordar ou não com ele" (aluno 03). "Só podemos criticar o conteúdo depois de estudá-lo" (aluno 13); "Sabe o que acontece é que às vezes não gostamos de uma matéria e aí julgamos sem entender coisa alguma" (aluno 16). "Algumas pessoas nem se dão ao trabalho de ler o texto, mas dão sua opinião" (aluno 06). Verificou-se pelas respostas que o teor do

texto foi compreendido e frisou-se a importância de fazer a leitura para conhecer um determinado assunto ou conteúdo escolar de história para depois analisar e interpretar. Ao perguntar aos alunos se conseguiriam desenvolver em sala de aula um estudo histórico, que fosse necessária análise, interpretação, sintetize e por fim crítica, a resposta foi positiva: sim, seriam capazes de fazer.

Neste momento, foi apresentado na forma de enquete o problema de pesquisa.

	Você sabe por que o Colégio no qual estuda foi denominado
	Polivalente?
(	) NÃO
(	) SIM
JU	STIFIQUE:

A enquete possibilitou a leitura, interpretação e análise do material selecionado, tanto pelo professor quanto pelos alunos. Portanto os dados coletados foram tabulados e distribuídos no quadro abaixo.

QUADRO 01 – DISTRIBUIÇÃO DE DADOS DA ENQUETE.

TURMA	PERÍODO	TOTAL DE ALUNOS	TOTAL DE	TOTAL DE NÃO	TOTAL DE JUSTIFICATIVAS
O1	manhã	20	0	20	0

A partir dos dados representados na tabela constatou-se que os alunos não tinham conhecimento do porque a escola onde atuavam se denominava Polivalente e também que desconheciam sua História. Então foi lançado o desafio para os estudantes: Seria possível "você", "aluno", produzir o conhecimento histórico a partir da investigação da História do Colégio, no qual está inserido? As respostas foram unânimes, sim, a partir do estudo sobre a escola. Alguns alunos ficaram curiosos e desejavam saber de imediato o porquê da denominação Polivalente. Entretanto, argumentou-se que essa questão só poderia ser respondida no desenvolvimento de

uma pesquisa ou investigação, tendo como referencial teórico os textos escolhidos para o estudo e as fontes históricas primárias e secundárias conforme o conceito das historiadoras e pesquisadoras Schimidt e Cainelli. Assim foi elaborado um caderno de atividades para cada um dos alunos participantes da pesquisa onde foram introduzidos exercícios sobre conceitos históricos, os sujeitos históricos, a importância dos estudos históricos, textos sobre fontes históricas primárias e secundárias. Verificou-se que os alunos não tiveram dificuldades em realizar essa etapa da pesquisa concluindo-a com a construção de um portfólio sobre a sua história de vida, com objetivo de utilizar diferentes fontes históricas e iniciação da construção do conhecimento histórico.

Tanto a primeira etapa deste trabalho quanto as outras foram fornecidos para os alunos, material impresso no formato de cadernos de atividades. Cada caderno de atividades foi dividido em seções, com objetivo de organizar didaticamente os exercícios propostos sobre a investigação do Colégio Polivalente. Cada seção possuía um título indicando o assunto que foi abordado, leituras específicas sobre o tema, os documentos levantados no arquivo escolar, continham um roteiro de perguntas para orientar o aluno sobre os questionamentos e as análises que foram realizadas. No término de cada seção, o professor fez suas considerações.

A seção 02 – foi intitulada: A investigação das origens do Colégio Polivalente com base nos documentos ou fontes históricas do arquivo escolar. Nesta atividade os alunos trabalharam diretamente com as fontes documentais levantadas no arquivo escolar, como o Decreto Nº 4648, o histórico da escola, A resolução 2.773/81, documento de doação do terreno para sua construção, o croqui da planta do colégio.

Verificou-se que os documentos se tratavam de fontes primárias escritas, as quais pertenciam à categoria de documentos oficiais expedidos pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná e do Diário Oficial do Estado do Pr.

O DECRETO Nº 4648, no Art.1º - determinava a criação e autorização de funcionamento da Escola Polivalente Presidente Castelo Branco, consta no mesmo decreto, no Art. 3º - a mudança do nome da instituição para Escola Polivalente – Ensino de 1º Grau. O documento não elucida qual o motivo da exclusão do nome do homenageado Presidente Humberto Castelo Branco. No decorrer da aula foi levantada coletivamente a hipótese, de que a mudança de nome estivesse relacionada ao momento histórico, onde a ditadura militar estivesse encaminhando-

se para o seu final, pois os representantes dos diversos seguimentos da sociedade estavam lutando e conseguindo abrir espaço para uma sociedade democrática. Contudo, em uma sociedade que ansiava pela democracia, não caberia no final do ano de 1978, homenagear um ícone da ditadura militar.

Entendeu-se que data da publicação do DECRETO Nº 4648, no órgão oficial do estado DIÁRIO OFICIAL Nº 243, era importante, para dar publicidade da lei, ou seja, para que a mesma entrasse em vigor deveria ser do conhecimento de todos os cidadãos.

A Escola Polivalente ofertava a modalidade de ensino de 1º Grau – 5ª a 8ª séries e foi construída no fim da ditadura militar, a Lei do Ensino era a 5692/71.

Concluiu-se que a denominação da Escola Polivalente foi determinada pelo DECRETO Nº 4648, no mesmo ainda não consta o significado do termo Polivalente.

Outro documento trabalhado pelos alunos foi o Histórico da Escola, do qual obtiveram inúmeras informações, como: a construção da escola estava ligada ao convênio firmado entre o Ministério da Educação e Cultura "MEC", com o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino "PREMEM" e a Secretaria Do Estado de Educação do Paraná "SEED". A escola ofertava a modalidade de ensino de 1º grau, 5ª a 8ª séries com atividades de formação especial nas disciplinas de Técnicas Comerciais, Técnicas Agrícolas e Técnicas Industriais. O objetivo da formação especial era ofertar aos alunos uma visão geral do campo do trabalho, sob todos os aspectos.

As informações que constavam no Histórico Escolar foram articuladas aos textos que explicavam o que era o Premem, quais foram os acordos entre o Ministério da Educação e Cultura "MEC" e a Agência Internacional de Desenvolvimento dos Estados Unidos "USAID", qual o objetivo da Lei 5692/71.

O Ministério da Educação e Cultura criou um Projeto chamado Programa de expansão e Melhoria do Ensino "PREMEM" com o objetivo de aperfeiçoar os sistemas de ensino de primeiro e segundo graus. Captando recursos financeiros da União, dos Estados e de fontes internas e externas para a construção da Escola Polivalente de Ponta Grossa e de outras regiões do Paraná.

Os acordos entre o MEC e USAID foram firmados, após o golpe militar de 1964, entre junho de 1964 e janeiro de 1968 e visavam assistência técnica, cooperação financeira à educação brasileira, pois no contexto mundial era o período da guerra fria e desenvolvimento do capitalismo. O Brasil estava passando por um

processo de industrialização (Milagre Econômico), havia várias empresas multinacionais se instalando no país. Precisava-se de mão-de-obra qualificada para inserção no mercado de trabalho e de os trabalhadores obedientes, disciplinados, eficazes e eficientes. E a Escola Polivalente seria o lugar para formação desse perfil de trabalhador.

Entretanto, a Escola Polivalente foi importante para a comunidade local, porque fazia a sondagem da aptidão do aluno auxiliando-o na escolha de um curso profissionalizante na modalidade de ensino de segundo grau. No entanto, sua limitação estava em qualificar esse aluno para o mercado de trabalho, o qual não era incentivado e oportunizado a freqüentar o ensino superior.

Os alunos foram até a sala de informática e pesquisaram a existência de outras Escolas Polivalentes em nosso Estado como em Curitiba escola modelo, Londrina, Goioerê, Apucarana. Pesquisaram que o Ministério da Educação e Cultura foi criado por Getúlio Vargas e era vinculado ao Ministério da Saúde. Atualmente a Cultura foi desvinculada do Ministério da Educação passando a ter seu próprio Ministério.

A RESOLUÇÃO Nº 2.773/81, foi um ato de decisão do Secretário de Estado da Educação que resolve por meio do Art. 1º deste documento, reconhecer o Curso Regular de 1º Grau da Escola Polivalente – Ensino de 1º Grau. Este documento foi importante, porque é somente através do mesmo que o histórico escolar do aluno pode ser expedido, caso contrário seria como se o aluno não tivesse cursado essa modalidade de ensino. Estudou-se que para concessão da RESOLUÇÃO, existiam alguns trâmites legais. O diretor solicitava a partir de uma série de documentos específicos o pedido para o reconhecimento da escola, enviando o processo para o Núcleo Regional de Ensino que repassava via malote para Secretaria de Educação o processo o qual poderia ser deferido ou não. No caso do Polivalente o processo foi deferido e publicado em Diário Oficial do Estado, sendo enviado para a escola via Núcleo uma cópia da referida RESOLUÇÃO. O pedido de autorização e de reconhecimento da Escola Polivalente, assim como de todas as escolas públicas, deve ser renovado a cada três anos.

No documento de Registro de Imóveis da Comarca de Ponta Grossa, constatou-se que o para a edificação da Escola Polivalente, o Prefeito da cidade tinha a atribuição de fazer a doação dos terrenos para a Fundação Educacional do Paraná – FUNDEPAR, pessoa jurídica que era um órgão da SEED. Foram doados

48 lotes para a construção da referida Escola, no documento consta a especificação das medidas de cada terreno. O Estado tinha o prazo de doze meses para iniciar as obras de construção e concluí-la em 36 meses, a partir da data de vigência da determinada Lei Municipal Nº 2.710, de 5-12-74. Caso as obras não fossem concluídas no prazo estipulado, reverterá o imóvel ao patrimônio municipal. A obra para a construção da Escola Polivalente foi bastante dispendiosa para o Estado e Município.

Os estudantes fizeram uma excursão pela Escola, para verificar em lócus o que permaneceu e o que mudou da estrutura física original do Projeto de Construção da Escola. O Croqui projetado pela FUNDEPAR, da planta baixa da Escola serviu de base para as observações. Verificou-se que a biblioteca ficava onde hoje é o salão de reunião, posteriormente foi construída outra biblioteca, a sala de Técnicas Agrícolas foi dividida em duas salas de aulas, foi fechado o local onde se guardavam as ferramentas. No banheiro feminino e masculino havia instalações com sanitários e chuveiros, que não são mais utilizados, a sala de Educação para o Lar e de Técnicas Comerciais foram fechadas, restando pias e as bancadas. A quadra esportiva coberta ainda não existia. A arena era utilizada para aulas de Educação Artística. Houve algumas modificações no ambiente da Escola, mas a estrutura física não foi modificada.

Na seção 03 foram desenvolvidas atividades relacionadas ao Currículo Escolar de 5ª a 8ª Séries. Os alunos ao responderem as questões articuladas aos documentos curriculares perceberam que a grade, contém o número de aulas de cada matéria, sendo aprovada pela Secretaria de Estado da Educação Deptº. de 1º Grau e estava dividida em duas partes o núcleo comum e a parte diversificada. Foi explicado que o núcleo comum era formado por disciplinas obrigatórias e que não existia no primeiro grau a disciplina de História e sim Estudos Sociais que deveria contemplar os conhecimentos de História, Geografia, OSPB, Educação Moral e Cívica, Ensino Religioso. Entretanto, os conhecimentos históricos estavam relacionados a estudar a figura dos grandes heróis, datas comemorativas, causas, consequências, exaltar o nacionalismo e decorar o conteúdo etc. Buscou-se esclarecer aos alunos que a parte diversificada do currículo contemplava a matéria de Inglês, e a Iniciação para o trabalho com as matérias de iniciação às Técnicas Agrícolas, Técnicas Industriais, Técnicas de Comerciais. Essas matérias eram relevantes para sondar a aptidão e vocação dos alunos para o mercado de trabalho.

Entretanto, como eram realizadas essas aulas especificamente não consta no documento, mas após a entrevista com a professora que vivenciou este período da história da escola, relatou como eram dadas essas matérias técnicas. Esse assunto irá ser abordado mais adiante neste trabalho.

Os alunos leram e analisaram o Parecer Nº 124/99 – CEF, que tratava da alteração da grade curricular do ensino Fundamental, a partir do ano letivo de 1999, as disciplinas de Técnicas Agrícolas, Técnicas Comerciais, Técnicas Industriais são suprimidas do currículo. A alegação foi à falta de equipamentos, pois os mesmos estavam obsoletos, falta de profissionais especializados nestas áreas, devido a demanda de matrícula, as salas de aulas destinadas as disciplinas técnicas seriam adaptadas para suprir o problema.

Na seção 04 os alunos estudaram através dos documentos que a implementação do ensino de 2º Grau na modalidade Educação Geral ocorreu em 1990, funcionando no período matutino e noturno. Sendo a partir deste momento que a nomenclatura Escola muda para Colégio conforme consta no Parecer Nº 85/90. Assim ficou entendido que toda a instituição que possui o 2º grau, passa chamar-se Colégio. O Colégio foi reconhecido no ano de 1994.

Na seção 05 os alunos entrevistaram a professora que ocupou o cargo de coordenadora administrativa e secretária de 1977 a 2005. Os questionamentos feitos à professora tinham como foco saber como era o cotidiano escolar. A professora entrevistada relatou:

A escola depois de construída ficou um ano e meio fechada. Foi realizada uma prova para contratar o pessoal administrativo, funcionários e professores para trabalhar no Polivalente. O pessoal contratado pela Secretaria de Estado, passou, por um curso de formação de um ano, na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Alguns professores das disciplinas específicas como matemática, português, por exemplo, fizeram cursos para ministrar as disciplinas de iniciação para o trabalho que eram as Técnicas Industriais, Técnicas Comerciais, Técnicas Agrícolas Educação para o Lar. Os professores fizeram apenas mais dois cursos de formação posteriormente.

As atividades escolares iniciaram em março de 1977, com os alunos, não foi realizada, por parte da esfera municipal e estadual, nenhuma solenidade para a inauguração da Escola Polivalente. Antes de receberem os alunos, os professores, a direção, os funcionários, a coordenadora administrativa, foram limpar, arrumar,

organizar todo o mobiliário recebido. Existia um manual que indicava de forma metódica onde cada móvel seria disposto e em qual sala deveria ser colocado.

Existia uma sala para a disciplina de Educação para o Lar era mobiliada com: uma mesa com cadeiras, uma pia, um fogão, uma geladeira, uma máquina da marca Brastemp de lavar roupas, eu não tinha uma dessas em minha casa, porque era cara, dois sofás pequenos, tudo organizado em um mesmo ambiente. Os estudantes, tanto as meninas quanto os meninos, aprendiam a cuidar de uma casa, a colocar a mesa, cozinhar, a passar a roupa, a pregar botão, a fazer a barra da calça, a usar o guardanapo, a usar o material de limpeza sem desperdício. No início das aulas de Educação para o Lar houve resistência das famílias dos meninos, porque foram obrigados a cursar essa disciplina, mas com muito diálogo a resistência foi sendo superada. Nestas aulas os adolescentes, poderiam saber se gostariam de trabalhar como empregada doméstica, babá, alfaiate, costureira. Nesta sala foi criado um ambiente para as meninas aprenderem o ofício de manicure, pois foi enviado à escola material com esmalte, lixa, acetona, etc.

A sala de Técnicas Comerciais era equipada com 20 a 25 máquinas de datilografia, uma máquina de datilografia elétrica, máquina registradora, balcão, papel de embalagem, livro caixa. Os estudantes aprendiam a vender, a usar a máquina registradora, vender a prazo, a embrulhar o produto, a pechinchar na compra, a fazer porcentagem, a preencher o livro caixa, duplicata e nota fiscal.

Na sala de Técnicas Industriais havia máquinas e ferramentas para marcenaria era um material muito caro, os alunos aprendiam com o professor a manipular essas ferramentas.

A sala de Técnicas Agrícolas era equipada com um trator pequeno e com ferramentas para utilizar no manejo da terra para desenvolver o plantio e a jardinagem. Os alunos aprendiam os tipos de solo existentes, como fazer adubação orgânica, como fazer os canteiros, como semear a terá, a fazer curva de nível etc. A escola recebia da comunidade um bezerro para o aluno aprender a cuidar e estudar sobre sua estrutura e fisiologia, doenças, etc. Quando o bezerro ficava grande era devolvido e recebíamos outro.

As aulas começavam às sete horas, por causa da distribuição da carga horária das disciplinas e para o aluno não precisar vir à escola aos sábados ou em contra turno. O logotipo da escola era formado por uma engrenagem que simbolizava as Técnicas Industriais, uma esfera com o nome da Escola Polivalente,

um elmo simbolizando as Técnicas Comerciais, o trator simbolizando as Técnicas Agrícolas e a rosa simbolizando a Educação para o Lar, sendo desenhado por um aluno do Polivalente. Os alunos recebiam os conhecimentos teóricos e práticos das técnicas e tinham aulas das disciplinas da base comum do currículo.(professora/entrevistada)

O relato da professora foi importante para que os alunos pudessem entender como foi implementada as atividades escolares, como funcionava as disciplinas técnicas, vivencias e riquezas de detalhes que os documentos não permite vislumbrar.

Para finalizar o estudo, na seção 06, os estudantes utilizaram todo o material desenvolvido nos cadernos de exercícios e elaboram um texto, materializando todo seu conhecimento adquirido sobre a história do Colégio Polivalente, do qual são protagonistas. Nos dias 05 e 06 do mês de Setembro de 20014, aconteceu no Colégio Polivalente, a Mostra Cultural, neste evento os alunos orientados pela professora, utilizando as fontes históricas do seu estudo, montaram uma linha do tempo usando-a como material para contar a história do Colégio.

#### Considerações finais

Foi muito desafiador e ao mesmo tempo motivador desenvolver a unidade didática "Um estudo investigativo sobre a História do Colégio Polivalente no município de Ponta Grossa - Pr", pois possibilitou a realização de atividades que favoreceram a aproximação dos alunos com a pesquisa.

O estudo realizado sobre a história do Colégio Polivalente proporcionou aos alunos o contato com diferentes fontes históricas, as quais foram lidas, interpretadas, discutidas e analisadas coletivamente pelo grupo. Portanto, foi possível realizar um trabalho mais complexo acerca da história do Colégio Polivalente com os alunos, auxiliando-os no desenvolvimento da construção do conhecimento histórico, através da pesquisa.

Buscou-se compreender os documentos oficiais numa perspectiva crítica, concluindo que o Colégio Polivalente recebeu essa denominação, pelo DECRETO Nº 4648. Contudo, avançando na pesquisa, entendeu-se que o sentido do seu nome estava ligado a formação do aluno, numa filosofia de treinamento, o qual poderia ser colocado em diferentes áreas de trabalho e ter o mesmo rendimento. Nesse sentido,

destaca-se que a escola possuía um currículo, lhe permitia qualificar o aluno para o trabalho, estando em consonância conforme previa a Lei 5692/71, no seu artigo primeiro, documento que também foi analisado. Essa questão pode ser corroborada através do relato feito pela professora entrevistada "a escola oferecia disciplinas técnicas, mas não formava os alunos em cursos técnicos profissionalizantes, pois abrangia apenas o primeiro grau".

É inegável que a Escola Polivalente era uma instituição de ensino diferenciada por ter em seu prédio salas de aulas especificamente construídas e equipadas para as disciplinas de Técnicas Comerciais, Industriais, Agrícolas e de Educação para o Lar, embora tenha-se restrições quanto a sua filosofia voltada ao ensino tecnicista e articulada com a Lei 5692/71.

#### Referências

BEZERRA, G. H. Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos. In: Karnal, L. (org.). **História na sala de aula:** conceitos práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2009.

CABRINI, C. O ensino de História: revisão urgente. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CORRÊA, C.H.P. **História Oral: teoria e técnica.** Santa Catarina – Florianópolis – UFSC, 1978.

FENELON, D. R. A licenciatura na área de ciências humanas. In: **Revista Ciência e Cultura,** 35 (9), setembro 1993.

-----, A formação do profissional de História e realidade do ensino. In: **Cadernos Cedes 10.** A prática do ensino de história. São Paulo: Cortez, 1985.

FONSECA, S.G. **Caminhos da História Ensinada.** Campinas: São Paulo: Papirus, 1995.

-----, **Ser professor no Brasil:** História Oral de Vida. Campinas: São Paulo: Papirus, 1997.

GONÇALVES, G. N. Documentos de arquivos históricos escolares: possibilidades para o ensino de história. In: **Revista de História - Ensino de História e educação:** olhares e convergência. Ponta Grossa: UEPG, 2012.

NUNES, S. DO. C. **Concepções do mundo de História.** Campinas: São Paulo: Papirus, 1996.

PARANÁ. Decreto Nº4668, de 20 fev. 1996. Fica criado e autorizado a funcionar nos termos da legislação vigente. O Complexo Escolar Presidente Castelo Branco – Ensino de 1º e 2º Graus, Diário Oficial Nº4668, 20/2/1978. CTBA, Pr, Decreto nº4668, 14 de fevereiro, 1978.

PARANÁ. Resolução 2.773/81, 24 de novembro de 1981. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Fica reconhecido o curso de 1º Grau – Regular da Escola Polivalente.

PARANÁ. República Federativa do Brasil: Registro de Imóveis 2ª Circunscrição. Estado do Paraná – Comarca de Ponta Grossa – Doação do terreno para construção da Escola Polivalente.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Básica. Diretrizes Curriculares da Educação Básica-História. Curitiba: seed,2008.

PINSKY, J., PINSKY, B. C. Por uma história prazerosa e consequente. In: Karnal, L. (org.). **História na sala de aula:** conceitos práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHIMIDT, M. A., CAINELLI, M. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula)

WALZ, B. Guiomar. Entrevista concedida à Luciana Alves de Lima.Ponta Grossa, 2014. Acervo da pesquisadora

http://soprahistoriar.blogspot.com.br/2011/10/prova-o-tempo-historia-e-o-trabalho-do.html/10/09/2013-18h29

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/gossario/veb-c-mec-usaid%20.html/23/09/2013

http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/leis/5692.html/10/09/201318h29

http://www.revistaepistemologi.com.ar/biblioteca/07ARAUJO(1).pdf